

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NATUREZA**

JULIANA DOS SANTOS GUATIMOSIM

**GRAVIDEZ NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA REPENSAR
O ENSINO DE CIÊNCIAS**

Tramandaí – RS

2018

Juliana dos Santos Guatimosim

**GRAVIDEZ NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA REPENSAR
O ENSINO DE CIÊNCIAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, campus litoral, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo: Ciências da Natureza.

Orientadora: Profa. Dra. Neila Seliane P. Witt

Tramandaí – RS

2018

JULIANA DOS SANTOS GUATIMOSIM

**GRAVIDEZ NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA REPENSAR
O ENSINO DE CIÊNCIAS**

Trabalho de conclusão do curso Licenciado em Educação do Campo:
Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aprovado em 09 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Neila Seliane Pereira Witt - UFRGS

Profa. Dra. Elisete Enir Bernardi Garcia - UFRGS

Profa. Dra. Suelen Assunção Santos - UFRGS

Tramandaí

2018

Dedico este trabalho ao meu esposo Claiton Guatimosim e filhos Claiton Junior dos Santos Guatimosim e Tainá dos Santos Guatimosim, pelo amor e carinho que me doaram sempre, pelos estímulos e sacrifícios para que eu seguisse em frente.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me permitir que eu chegasse até aqui, e por estar presente em todos os momentos da minha trajetória.

A minha família pelo amor incondicional e por todos os sacrifícios, incentivos e compreensão pelas minhas ausências.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada no município de Tramandaí, por ter aberto as portas para que eu pudesse desenvolver o meu Trabalho de Conclusão do curso.

A minha Orientadora Dra. Neila Seliane Pereira Witt pela compreensão, paciência e pelo suporte na construção deste trabalho.

Aquelas pessoas que quando deveriam ser simplesmente professores, foram mestres, que quando deveriam ser mestres foram amigos e em sua amizade nos compreenderam e nos incentivaram a seguir nossos caminhos.

Aos amigos e companheiros de curso, pelas experiências e trocas compartilhadas.

Aos adolescentes em especial, que foram o objetivo deste trabalho.

Muito obrigada!

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.

Simone de Beauvoir

RESUMO

O presente estudo tem como temática investigada o ensino de ciências e a gravidez no ambiente escolar. O (des)conhecimento de métodos contraceptivos e a “escolha” pela gravidez durante o período escolar nos levou a pensar nos processos de ensino e na produção de aprendizagens sobre a reprodução humana, os corpos e sexualidades. A pesquisa resulta um estudo de caso qualitativo, realizado em uma Escola Municipal de Tramandaí/RS, escola lócus da pesquisa, no ano de 2018. Realizamos entrevistas com 10 professores e 27 alunos (meninos e meninas) do 6º ao 9º ano da escola em questão e a Enfermeira Chefe do Posto de Saúde da comunidade onde fica localizada a escola. Procuramos, com as entrevistas, contextualizar as circunstâncias de vida dos adolescentes, seus conhecimentos sobre sexualidade, métodos preventivos de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Também visamos compreender os processos de ensino e as formas de acesso a estes conhecimentos. Em quais fontes de informação sobre reprodução e sexualidade os estudantes têm se amparado na busca por esclarecimentos? Como os professores se sentem ao trabalhar com este tema? Como percebem a sua colaboração no processo de constituição das aprendizagens destes adolescentes? A análise das entrevistas permitiu reflexões sobre a percepção em relação à prevenção da gravidez na adolescência, os métodos preventivos e a abordagem do ensino de ciência relacionado a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Com esse estudo concluímos que os processos de ensino e da produção de aprendizagens relativas a reprodução humana, os corpos e sexualidades, doenças sexualmente transmissíveis e prevenções, podem ser abordados de forma integrada a diversos conteúdos, principalmente no que se refere ao corpo humano.

Palavras-chave: adolescência, gravidez, escola.

ABSTRACT

This study has as theme investigated the teaching of sciences and pregnancy in the school environment. The research results by reflections and analyzes of interviews with students, teachers and nurses of the health post near a Municipal School of Tramandaí/RS, which is the research focus, in 2018. The (un)knowledge of contraceptive methods and the "choice" by pregnancy during the school period, breaking sharply the adolescence, led us to think about the processes of teaching and learning production about the human reproduction, the bodies and sexualities. We conducted a qualitative case study, which we interviewed 10 teachers and 27 students (boys and girls) from the 6th to the 9th year of the school in question and the Head Nurse of the community's health clinic, the same community where the school is located. We seek, with interviews, contextualize the circumstances of the adolescents' life, their knowledge about sexuality, preventive methods of pregnancy and sexually transmitted diseases (STDs). We also came to understand the pedagogical processes and forms of access to this knowledge. What sources of information on reproduction and sexuality the students have been supported in the search for clarification? How the teachers feel when they work with this theme? How do they perceive their collaboration in the process of constitution of the learnings of these adolescents? The analysis of the interviews allowed reflections about the perception of the relation to the prevention of pregnancy in adolescence, the preventive methods and approach to the teaching of science related to pregnancy and sexually transmitted diseases. With the study and research in question, we conclude that the processes of teaching and learning on the production of human reproduction, the bodies and sexualities, sexually transmitted diseases and prevention, can be addressed in an integrated manner to various content, mainly in what refers to the human body.

Key words: adolescence, pregnancy, school.

LISTA DE SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

CAPS – Centro de Atenção Psicossocial

Diu – Dispositivo Intra-Uterino

DSTS – Doenças Sexualmente Transmissíveis

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial da Saúde

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

SUS – Sistema Único de Saúde

Sumário

2 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
2.1 Metodologia	13
2.2 Local de pesquisa	14
2.3 Participantes da pesquisa	15
2.4 Primeira fase da pesquisa.....	16
2.5 Segunda fase da pesquisa.....	17
2.6 Realização das entrevistas	17
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
3.1 O que se silencia e o que aparece como verdade nos discursos sobre gravidez na escola?	17
3.2 Adolescência e gravidez	19
4 DESENVOLVIMENTO	21
4.1 Análise e interpretação dos dados da pesquisa	26
4.2 Resultados da pesquisa.....	26
4.2.1 Conversando com os alunos	26
4.2.2 Dialogando com a Enfermeira	31
4.2.3 Alinhavando ideias com os professores	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
7 APÊNDICES	46
7.1 Apêndice a: Termo de consentimento livre e esclarecido.....	46
7.2 Apêndice b: Roteiro das entrevistas com os alunos	48
7.3 Apêndice c: roteiro de entrevista para os professores.....	50
7.4 Apêndice d: Roteiro de entrevista para enfermeira do posto de saúde da comunidade	52

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como temática investigada o *ensino de ciências e a gravidez no ambiente escolar*. A pesquisa resulta das reflexões e análises de entrevistas realizadas com estudantes, professores e enfermeira do posto de saúde próximo a Escola Municipal da cidade de Tramandaí, escola lócus da pesquisa.

A adolescência é considerada um período do início de experiências sexuais e de desvendar curiosidades sobre o corpo que está em desenvolvimento. Tais curiosidades podem trazer modificações para a vida ou se tornarem muito perigosas, quando consideramos as doenças transmitidas em práticas sexuais. Neste período, quando as informações não chegam ao adolescente ou não ocorrem de forma esclarecedora podem resultar em circunstâncias não planejadas.

O (des)conhecimento de métodos contraceptivos e a “escolha” pela gravidez durante o período escolar, levou-nos a pensar nos processos de ensino e na produção de aprendizagens sobre a reprodução humana, os corpos e sexualidades.

A autora principal é estudante do Curso Educação do Campo: Ciências da Natureza e faz parte do corpo docente da escola pesquisada há dois anos. Durante uma reunião pedagógica os professores citaram seis casos de gestação de estudantes que cursavam do 6º ao 9º ano, ocorridos no segundo semestre de 2016. No primeiro semestre de 2017, uma das meninas veio a falecer.

Aproveitamos o momento de desabafo dos professores e nos oferecemos para realizar um projeto de extensão sobre Sexualidade na adolescência, intitulado “sexualidade que bicho é esse?”, nesta comunidade escolar. Juntamente com a orientadora da escola, montamos o projeto e partimos para aplicação do mesmo. Foram convidados a participar um médico e três enfermeiras do posto de saúde do bairro, a orientadora pedagógica, os professores desta escola (municipal da cidade de Tramandaí) e a comunidade escolar na figura de pais e alunos do sexto ano. Com o desenvolvimento deste projeto de extensão, surgiu o interesse em desenvolver um estudo envolvendo esta temática, este trabalho de conclusão do curso.

A sexualidade é um tema importante a ser discutido nas escolas com alunos e alunas, independente da série, sendo necessário abordar este assunto sem ficar apenas nas proibições. O corpo do adolescente “fala”, isto é o que Silva (2007, p. 97) explica a seguir:

Se a sexualidade não encontra espaço na escola para ser discutida e problematizada com as alunas, encontra espaço para o regulamento dos corpos, através das limitações em torno das idades, para se falar ou fazer sobre isso ou aquilo. Os corpos das adolescentes “falam” sua sexualidade, mas a escola é “surda” a tais discursos, não escutando, ignorando-os.

Os adolescentes (meninas e meninos) precisam receber informações sobre a sexualidade, a prevenção e as consequências, tanto em meio escolar, quanto familiar, por isso é importante que haja um estudo mais direcionado as questões da sexualidade, ambos os sexos tem responsabilidades, os meninos também precisam estar conscientes de seus deveres.

Nesta direção Damiani (2003) diz que, a gravidez na adolescência vem se tornando cada vez mais frequente, não podendo ser tratada como um fato isolado. As adolescentes grávidas sempre se deparam com dificuldades de adaptação no ambiente escolar, as quais na maioria das vezes estão relacionadas ao seu comportamento e relacionamento com grupos que não pertencem ao seu ciclo de amizades. Tendo que provar para a sociedade e a família que será capaz de cumprir com seu papel de mãe. Os meninos por sua vez, muitas vezes, não tem a mesma forma de cobrança relacionada ao corpo e as responsabilidades de uma gravidez precoce.

Pensando no ambiente escolar, outro elemento a ser considerado para se buscar conhecer, durante a investigação, diz respeito a proposta de professores trabalharem com temáticas relativas à gravidez e sexualidade, do quanto podem colaborar para as aprendizagens destes adolescentes para conhecerem seus corpos, compreenderem o processo reprodutivo e os métodos contraceptivos. Além disso, em se tratando dos estudantes, pretendemos conhecer as fontes de informação sobre reprodução e sexualidade que esses têm se amparado na busca por esclarecimentos.

Buscamos contextualizar as circunstâncias de vida dos adolescentes que vivem na realidade desta comunidade escolar. Realidade considerada pelos professores com alta incidência de meninas grávidas – gravidez na adolescência e evasão escolar.

Esta realidade não é apenas de uma localidade/comunidade, está relacionada ao desenvolvimento e conhecimentos sobre os corpos, os adolescentes querem falar sobre o assunto, como já foi dito anteriormente, buscam informações e querem encontrar as respostas. Sobre isso Silva (2007, p. 110) explica a seguir:

[...] a verdade é que alunos e alunas trazem para escola uma demanda. Demanda de saber sobre si, sobre seu corpo, sobre o que fazer com ele, sobre como nortear ou dar sentido àquilo que já está fazendo... A demanda existe, e a necessidade de saber também. Alunos e alunas querem saber de sexo, querem falar de sexo, provocam os adultos, contam piadinhas, picham palavras consideradas “obscenas”, cantam músicas que trazem explícito seu grande interesse. Às vezes, aparentando uma inocência que já perderam há tempo, fazem perguntas indiscretas e aguardam, dos mestres, respostas verdadeiras e a abertura de um espaço para falar desse algo tão presente nas vidas de todos (SILVA, 2007, p.110).

Durante a adolescência, na fase escolar os alunos e alunas desafiam a autoridade dos adultos sejam pais ou professores, chamando a atenção para suas angústias, por vezes, relacionadas a questões sexuais, neste momento é importante a participação da escola, visto que muitos pais deixam de ter um diálogo aberto com seus filhos, o que pode ser por falta de conhecimento sobre a temática sexualidade.

2 PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

2.1 Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho foi realizada uma pesquisa de campo através de investigação descritiva, exploratória e com abordagem qualitativa de estudo de caso (análise de falas). Em alguns momentos da pesquisa a experiência docente da pesquisadora fará parte da análise dos dados. Como instrumento investigativo utilizamos entrevistas semiestruturadas e conversas com estudantes e professores - com gravação de áudio e escrita.

De acordo com Triviños (1987, p. 146), “entrevistas semiestruturadas consistem questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa”.

Realizar este tipo de entrevista é importante, porque o entrevistado, aos poucos, espontaneamente vai liberando seus pensamentos, dando informações que, partem de suas experiências as quais são importantes para a coleta de dados do pesquisador. Sobre esta metodologia outro autor esclarece da seguinte forma:

[...] a fase exploratória de uma pesquisa qualitativa, cujo produto final é o *projeto de pesquisa* no qual já está estabelecido o espaço para investigar e decidido com que grupo trabalhar, chega a hora de iniciar o trabalho de campo propriamente dito. (MINAYO, 2012, p. 61)

Sobre o espaço a investigar, a pesquisa foi desenvolvida numa Escola Municipal de Ensino Fundamental do município de Tramandaí, RS. Os participantes foram 10 professores e 27 alunos do 6º ao 9º ano, também participou da pesquisa a Enfermeira Chefe do Posto de Saúde da comunidade local.

A escolha de incluir na investigação o serviço de saúde da comunidade foi motivado para verificar se havia propostas de projetos para prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST's) e gravidez na adolescência. O trabalho foi realizado no período de janeiro a junho de 2018. O projeto foi apresentado à direção e aos professores da escola participante.

Os estudantes foram convidados a participar da pesquisa e a assinar um termo de consentimento livre esclarecido (apêndice 7.1, p.39), no qual estava explícito: os objetivos, os procedimentos, a garantia de sigilo e liberdade de recusa, que a pesquisa era voluntária e que necessitariam ser devidamente assinados pelos pais ou responsáveis. Os pais que concordaram que seus filhos participassem, devolveram o mesmo assinado.

Foi feita uma pesquisa de campo exploratória e aplicação de questionários, buscando analisar e compreender a composição familiar desta comunidade, seus valores e princípios, o meio cultural em que estão inseridos.

2.2 Local de pesquisa

O projeto foi realizado em uma escola Municipal de Ensino Fundamental, da cidade de Tramandaí/RS – Brasil. A escola oferta o Ensino Fundamental - Anos Iniciais e Anos Finais, do 1º ao 9º ano totalizando aproximadamente 920 alunos.

O bairro em que a escola está localizada é de pouca infraestrutura, ruas esburacadas, sem saneamento básico. Em partes do bairro, quando chove ocorre alagamentos, dificultando a saída dos moradores sendo considerado um bairro perigoso, marginalizado, e dependendo do horário ninguém fora deste convívio entra no bairro.

Na pesquisa procuramos investigar se os alunos são moradores da comunidade e mediações do bairro ou vêm de outras regiões e as condições e circunstâncias de suas realidades.

Sobre a infraestrutura da escola podemos dizer que as salas de aula são amplas, possui sala de diretoria, sala de professores, laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), quadra de esportes coberta, cozinha, sala de leitura, banheiro dentro do prédio, dependências e vias adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida (o banheiro, por exemplo), sala de secretaria, banheiro com chuveiro, refeitório, despensa, almoxarifado, auditório, pátio amplo.

Apesar de atender alguns alunos filhos de pescadores, a escola é considerada urbana e não do campo, assim como as demais escolas do município.

A escolha desta escola para realização deste estudo se deu pelo fato da pesquisadora fazer parte do quadro de professores da escola em questão, por estar envolvida com estes alunos e de ter a oportunidade de conhecer melhor o público. As experiências de trabalho que a pesquisadora refere, está relacionada aos 14 anos de trabalho no município de Tramandaí, em outro espaço escolar, que não o da escola investigada. Tais experiências remetem ou mesmo se assemelham a escola de atuação docente, a qual está lecionando há dois anos, na mesma comunidade escolar investigada neste estudo.

2.3 Participantes da pesquisa

Inicialmente planejávamos entrevistar 30 alunos (meninos e meninas) do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e aproximadamente 12 professores atuantes nestas séries e a Enfermeira Chefe do Posto de Saúde da comunidade. Selecionamos dentre as turmas aqueles alunos que já tínhamos um conhecimento prévio, os quais tinham contato com algum adolescente que já era pai ou mãe, uma adolescente grávida ou que tenha relação direta com o caso a ser estudado.

Durante o percurso da pesquisa aconteceram alguns fatores que vieram a reduzir o número de entrevistados e o público alvo escolhido. Um deles e acho que o principal foi a disponibilidade de participar: muitos alunos não demonstraram interesse, o que pode estar relacionado ao fato de não desejarem falar sobre um assunto que envolve a sua intimidade, não querer se expor. Outro ponto relacionado a redução da amostra foi que alguns pais preferiram que seus filhos não participassem deste tipo de conversa, pois em suas percepções, são muito “novos” para isso. Teve também aqueles que assinaram e depois arrumaram desculpas para não deixar o filho

ir na escola em turno inverso para a entrevista. Por esses motivos acabamos substituindo alguns participantes para que pudesse ter um número expressivo de participantes. Finalizamos as entrevistas com 27 alunos participantes, destes 20 do sexo feminino e 7 do sexo masculino, 10 professores, sendo 9 do sexo feminino e 1 do sexo masculino e 1 enfermeira.

Para a diferenciação dos sujeitos, bem como preservação de sua identidade, os alunos participantes foram identificados com a letra (A) acompanhada de numeral, assim como os professores também foram representados pela letra (P) acompanhado de um numeral.

2.4 Primeira fase da pesquisa

A ideia da pesquisa não é emitir julgamentos, mas conhecer as práticas de ensino e aprendizagem possíveis no ambiente escolar a partir das diferentes realidades apresentadas pelos professores, alunos e agentes de saúde envolvidos com esta instituição de ensino.

No segundo semestre do ano de 2017, iniciamos a elaboração do projeto de pesquisa, o qual teria por finalidade o trabalho de conclusão do curso de uma das pesquisadoras. Foram decididas algumas etapas fundamentais do projeto, como o tema, a situação problema, a justificativa, os objetivos gerais e específicos do problema, os sujeitos a serem entrevistados, o local da entrevista, tempo de duração da pesquisa.

Nesta etapa que constitui o início da pesquisa fomos trabalhando com as ideias da elaboração do projeto. Foram realizadas algumas leituras de apoio para o aprofundamento do tema. Sobre esse movimento inicial de busca de referencial teórico, Barros (2014, p.36) explica que,

Auxilia também a estabelecer uma abordagem mais focalizada sobre um determinado problema, caminhando da definição do problema as metas gerais e específicas da pesquisa, além de se indicar os procedimentos metodológicos necessários para a consecução de tais metas.

Depois de estabelecer as metas, os objetivos, determinar o problema a ser estudado e a metodologia a ser utilizada, passamos para a segunda fase do desenvolvimento do trabalho.

2.5 Segunda fase da pesquisa

Esta etapa ocorreu durante os meses de janeiro e fevereiro de 2018, onde fomos aprofundando as leituras bibliográficas, para conhecer mais sobre o tema e desenvolver argumentos. Também foi a etapa da construção dos questionários, e termo de autorização dos pais para a realização das entrevistas com os alunos, também o termo de consentimento de uso das entrevistas para os professores e enfermeira do posto de saúde do bairro onde ocorreu a pesquisa. Aqui também foram decididos a quantidade e quais de sujeitos envolvidos para a pesquisa.

2.6 Realização das entrevistas

A realização das entrevistas ocorreu nos meses de março à maio de 2018, onde primeiramente foi apresentado o projeto para os alunos, em seguida foi feito o levantamento dos alunos que queriam participar das entrevistas, logo após foi entregue o termo de autorização para assinatura dos pais para que os alunos pudessem participar do projeto. Só então uma semana depois iniciamos as entrevistas, visto que só tínhamos uma tarde livre e um período de uma hora para a realização das entrevistas. Durante este tempo, aconteceram alguns imprevistos, ocorreram feriados, muita chuva, alunos que não levaram as autorizações, motivos que desencadearam um atraso no cronograma previsto para a etapa seguinte, a coleta de dados.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O que se silencia e o que aparece como verdade nos discursos sobre gravidez na escola?

No ambiente escolar, o que se pode falar, de que forma o educador pode abordar os assuntos relacionados a contracepção e a sexualidade? Os professores sentem-se confortáveis, amparados e preparados para ter um diálogo mais aberto com seus alunos? De acordo com Foucault, os silêncios constituem os discursos de interdição sobre a fala, para ele,

Não se deve fazer uma divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos. (FOUCAULT, 1997, P.30)

No currículo escolar, os assuntos referentes à sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e prevenções, podem ser abordados de forma integrada a diversos conteúdos, principalmente no que se refere ao corpo humano. A falta desta prática de ensino deixa uma lacuna e determina onde a temática pode ou não ser abordada.

Quando a escola realiza projetos com iniciativas para esclarecer as dúvidas dos alunos sobre a sexualidade, muitas vezes, enfrenta resistência por parte de professores, pais e até mesmo por parte da Secretaria Municipal da Educação. Falamos isso com base nas experiências vividas por uma das pesquisadoras como docente da escola, onde percebemos que alguns professores não sentem-se preparados e nem a vontade para trabalhar estes assuntos, e os projetos realizados muitas vezes não saem do papel. Tal situação dificulta a exploração dessa temática na escola, um assunto que, por vezes é interpretado de forma equivocada como possível incentivo de tais práticas aos alunos.

Relacionado à dificuldade que os docentes apresentam para debater assuntos sobre a sexualidade, Larrosa ao falar da conformação de nossas percepções comenta:

Os procedimentos que fabricam os estereótipos de nosso discurso, os preconceitos de nossa moral, e os hábitos de nossa maneira de conduzir-nos nos mostram que somos menos livres do que pensamos quando falamos, julgamos ou fazemos as coisas – [nossas percepções estão amarradas em redes discursivas]. (LARROSA,1995, P.84)

Nossas falas, pensamentos e ações são fontes que podem servir de julgamentos preconceituosos e precipitados, fazendo com que se deixe de lado a realização de trabalhos significativos que constroem conhecimentos importantes para a vida do adolescente e para o seu desenvolvimento social.

3.2 Adolescência e gravidez

A adolescência se trata de uma fase humana de muitas mudanças físicas, sexuais, psicológicas e sociais. Trata-se de um momento em que o jovem está buscando a formação de sua identidade, ou seja, um período de crise existencial onde o jovem precisa encontrar respostas para inúmeras situações em sua vida (BENUTE; GALLETTA, 2002).

A adolescência é uma fase da vida humana, caracterizada por um conjunto de transformações sócio-psicológicas e anátomo-metabólicas, deixando o indivíduo exposto a um modelo de vida até então desconhecido, de certa forma vulnerável, mais ao mesmo tempo estabelecendo padrões comportamentais e sonhos que permearão toda a vida. Os padrões comportamentais se definem dentro de um ambiente que envolve família, os pares, a escola, o social, dentre outros, onde, o adolescente sofre influências para sua formação e construção da personalidade de um futuro adulto (XIMENES NETO et al, 2007, p. 280).

Este autor também se refere há alguns fatores que interferem na formação emocional e social de um adolescente, que são: a busca pela autoafirmação, fatores genéticos, ambientais, formação educacional e estrutura familiar. Todos esses fatores podem contribuir na construção da formação saudável de um indivíduo.

Um dos fatores de grande influência na formação do adolescente e no aparecimento de dilemas nesta faixa etária é o desenvolvimento sexual. Ao chegar na adolescência, o indivíduo sofre por transformações sexuais até atingir sua maturidade sexual e, é neste momento, que muitos enfrentam riscos e perigos nesta fase da vida.

A falta de uma orientação sobre prática sexual na família e na escola faz com que o adolescente enfrente essa fase de sua vida sem informações que são importantes para seu futuro. Ao descobrir o sexo aliado à falta de informação e orientação não se previne e, muitas vezes, acabe comprometendo sua saúde, ou seja, ficando exposto a DST, HIV, AIDS, aborto, casamento, maternidade sem o devido planejamento. Tudo isto, gerando grande confusão na vida social desse ser humano, que se vê diante de situações complicadas, tendo que tomar decisões difíceis, sem o apoio de um adulto que faça parte de sua vida social.

[...] o indivíduo deve estar informado a respeito dos aspectos biológicos e preventivos da sexualidade, deve ser capaz de lidar com

eventuais pressões familiares, sociais e com o aprofundamento da relação, e deve estar apto a exercer essa atividade de maneira agradável para ambos, livre de culpa e consciente. Ou seja, não induzida pelo medo de perder o outro ou pela incapacidade de dizer não (MEIRELES, 2006. 328p.).

Com a adolescência e a chegada da iniciação da vida sexual, por parte de alguns adolescentes, é preciso que tenham acesso as informações necessárias, bem como uma educação em saúde reprodutiva que lhes permitam prevenir-se de possíveis problemas que poderão comprometer seu projeto de vida futuro. Entre eles, a possibilidade de contrair doenças e uma gravidez indesejada.

Segundo o Ministério da Saúde (MINISTÉRIO, 2009) a primeira relação sexual está acontecendo cada vez mais cedo. É muito importante que adolescentes estejam informados sobre sexo seguro, incentivando-se o uso da camisinha masculina ou feminina em todas as relações sexuais. Os serviços de saúde devem garantir atendimento aos(às) adolescentes e aos(às) jovens, antes mesmo do início de sua atividade sexual e reprodutiva, para ajudá-los a lidarem com a sua sexualidade de forma positiva e responsável, incentivando comportamentos de prevenção e de autocuidado.

Uma das mais importantes e grandes questões de saúde pública atualmente é a gravidez não planejada na adolescência, provenientes de falta de informação e de falta de cuidados e prevenção dos jovens. Esse tema tem sido alvo de grande preocupação e pesquisa entre os estudiosos desta área. De acordo com Sant'anna e Coates (2006),

É questão complexa sob vários aspectos, mas que não deve ser tratada apenas como “problema” ou como “desastre” na vida das adolescentes. Muitas mulheres brasileiras iniciam sua vida reprodutiva na adolescência, até por questão cultural, e isto não se transforma necessariamente em “problema” (idem, p. 153).

É importante acrescentar que muitas vezes a gravidez na adolescência é desejada, mas não é planejada, isto revela a falta de informação, ausência de orientação. E, esta falta de informação e orientação é competência da escola, da família e dos serviços de saúde.

O desejo da adolescente de ser mãe, de constituir família, ser independente, sair de casa, ter sua liberdade e autonomia é um dos fatores que levam a gravidez na adolescência.

Não podemos considerar a gravidez na adolescência como um problema, pois muitas vezes, por sua escolha, decidem sair de casa, construir uma vida a dois e formar uma família, colocando em primeiro lugar este desejo da maternidade, tornando-o uma prioridade de vida em busca da felicidade, as vezes, construída de forma cultural de geração em geração.

A incidência de gravidez na adolescência também pode estar associada à pobreza, falta de escola, saúde, opções de lazer, emprego, informação. Contudo, não se restringe aos grupos empobrecidos,

Apesar de a gravidez na adolescência ocorrer com maior frequência nos grupos mais empobrecidos, não se pode negar que o fenômeno acontece em todos os estratos populacionais, porém suas consequências podem ser mais negativas para adolescentes cuja inserção social restringe o acesso a bens materiais e imateriais (HOGA; BORGES; REBERTE, 2010, p. 152).

Em nosso país, a gravidez na adolescência trata-se de um grave problema de saúde pública devido aos problemas derivados dela, dentre eles: o abandono dos estudos, risco de saúde na gravidez, pois as jovens não fazem pré-natal de qualidade porque escondem a gravidez da sua família e, principalmente por um sistema de saúde pública incapaz de dar a assistência adequada e com qualidade nesse momento (XIMENES NETO et al, 2007).

Outra questão relacionada a essa problemática diz respeito ao abandono escolar pela adolescente grávida e do pai adolescente. Tal situação, pode decorrer da falta do apoio familiar, a vida se transforma com a chegada de um filho, que vai necessitar de cuidados especiais, uma dedicação constante, e a adolescente, na maioria das vezes, não consegue dar conta de estudar, cuidar de um lar e de um bebê, optando por adiar ou deixar de lado os estudos.

4 DESENVOLVIMENTO

Nesta pesquisa tivemos como proposta investigar sobre o Ensino de Ciências e a Gravidez no ambiente escolar, tendo como objetivo, (re)pensar processos de ensino e a produção de aprendizagens sobre a reprodução humana a partir dos relatos de experiências de estudantes e professores de uma escola do município de

Tramandaí, RS e analisar as formas de acesso aos conteúdos sobre doenças sexualmente transmissível e gravidez, relacionados aos métodos de proteção, juntamente com a necessidade ou não da inserção deste assunto aos anos iniciais do fundamental II, não deixando somente para o final do oitavo ano.

A problemática de pesquisa: De que modo ocorre os processos de ensino e aprendizagens sobre a temática da reprodução humana a partir dos relatos de experiências de estudantes e professores de uma escola do município de Tramandaí, RS?

Procuramos identificar nas entrevistas com os alunos, (meninos e meninas) as aprendizagens sobre sexualidade, métodos preventivos da gravidez e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), e de que forma este conhecimento chega até eles, sendo que no Ensino de Ciências este assunto é trabalhado no 8º ano concomitantemente com o conteúdo Corpo Humano. Sabendo que alguns adolescentes desta escola estão praticando atos sexuais antes do 8º ano, procuramos identificar a necessidade ou não de antecipar este conteúdo para o 6º ano ou, até mesmo, o 5º ano, já que a maioria destes alunos foram retidos, estão repetindo o ano.

Buscamos, com as entrevistas, contextualizar as circunstâncias de vida dos adolescentes, seus conhecimentos sobre sexualidade, métodos preventivos de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). Buscamos compreender também, junto aos professores, os processos pedagógicos correntes e as formas de acesso a estes conhecimentos. Em quais fontes de informação sobre reprodução e sexualidade os estudantes têm se amparado na busca por esclarecimentos? Como os professores se sentem ao trabalhar com este tema? Como percebem a sua colaboração no processo de constituição das aprendizagens destes adolescentes? Dividir os questionamentos realizados no âmbito da visão dos estudantes, e no âmbito da visão dos professores.

A adolescência é um momento muito importante, em que os profissionais da educação poderiam se disponibilizar a conversar e esclarecer as dúvidas deste grupo de pessoas, respeitando suas escolhas, ofertando informações para esclarecimento destes assuntos que, na maioria das vezes não é tratado com o seu devido valor, transformando algumas vezes o assunto num tabu.

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde (MINISTÉRIO, 2009) a primeira relação sexual está acontecendo cada vez mais cedo. É muito importante que adolescentes e jovens estejam informados sobre sexo seguro, incentivando-se o

uso da camisinha masculina ou feminina em todas as relações sexuais. Os serviços de saúde buscam garantir atendimento aos(às) adolescentes e aos(às) jovens, antes mesmo do início de sua atividade sexual e reprodutiva, para ajudá-los a lidarem com a sua sexualidade de forma positiva e responsável, incentivando comportamentos de prevenção e de autocuidado.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente art. 2º (ECA, 2011) a adolescência vai dos 12 anos até os 18 anos de idade e segundo a Organização Mundial da Saúde, adolescente é todo indivíduo que está entre a faixa etária de 10 a 19 anos de idade.

Na adolescência a gravidez ocorre em adolescentes que estão na fase das transformações do corpo, é um processo no qual antecipa fases a serem vividas pelos adolescentes, transformando suas vidas. Quando ocorre a gestação em adolescentes, ela nem sempre é planejada, em sua maioria ocorre com parceiros os quais não são de relacionamentos estáveis.

De acordo com pesquisas realizadas no site do IBGE (IBGEa, 2016) os registros de nascidos vivos, segundo a idade da mãe na ocasião do parto no Brasil, mostra o alto índice de adolescentes grávidas, trago aqui um comparativo destes dados.

No ano de 2012 nasceram 26.626 bebês de mães menores de 15 anos e 542.731 bebês de mães com idade entre 15 e 19 anos.

Em 2013 nasceram 25.760 bebês de mães menores de 15 anos e 533.453 bebês nascidos de mães com idade de 15 a 19 anos de idade.

No ano de 2014 foram, 26.669 bebês de mães menores de 15 anos e 534.461 bebês de mães com idade entre 15 e 19 anos.

Em 2015 os nascidos de mães com idade menor que 15 anos foi o número de 25.409 bebês e das mães com idade entre 15 e 19 anos foram 518.175 bebês.

Já no ano de 2016 o número de nascidos de mães com menos de 15 anos foi o menor número de nascimentos sendo de 23.141 bebês e de 477.035 bebês nascidos de jovens mães com idade entre 15 e 19 anos.

Neste comparativo consigo perceber que entre os anos de 2012 e 2013 houve uma queda na taxa de nascimentos de bebês nas adolescentes com menos de 15 anos, da mesma forma ocorreu essa queda com os nascidos de mães entre 15 e 19 anos. No ano de 2014 houve um aumento de nascimentos nas duas faixa etárias, em

2015 e 2016 novamente ocorre uma queda no número de nascimento de crianças de mães adolescentes.

De acordo com o gráfico percebemos de forma mais clara as análises dos dados acima.



Gráfico 1: Índice de nascimento em adolescente menores de 15 anos no Brasil



Gráfico 2: Índice de nascimento em adolescente entre 15 e 19 anos no Brasil

Os índices no Estado do Rio Grande do Sul de acordo com o IBGE segue da seguinte forma, no ano de 2012 ocorreram 964 nascimentos de bebês de mães menores de 15 anos e 22.189 nascimentos de mães com idade entre 15 e 19 anos.

No ano de 2013 foram 924 nascimentos de mães com idade inferior a 15 anos, 22.134 nascimentos de mães com idade entre 15 e 19 anos.

Em 2014 foram registrados 972 nascimentos de bebês de mães com idade inferior a 15 anos e 21.797 bebês nascidos de mães com idade de 15 a 19 anos.

No ano de 2015 nasceram 881 bebês de mães com idade inferior a 15 anos e 20.904 bebês de mães com idade entre 15 e 19 anos.

Já no ano de 2016 foram 800 nascimentos de bebês de mães com idade inferior a 15 anos e 19.056 nascidos de mães com idade entre 15 e 19 anos.

De acordo com o gráfico percebemos de forma mais clara as análises dos dados acima.



Gráfico 3: Índice de nascimento em adolescentes menores de 15 anos no RS



Gráfico 4: Índice de nascimento em adolescentes entre 15 e 19 anos no RS

Comparando os períodos, a redução e o aumento no número de natalidade no RS acompanhou a variação de nascimentos registradas no país.

Ainda, conforme o Ministério da Saúde (MINISTÉRIO, 2009), atualmente 66% dos casos de gravidez em adolescentes não são planejados. Para reduzir esse índice o governo distribui gratuitamente, através do Sistema Único de Saúde (SUS), pílula combinada, pílula anticoncepcional de emergência, diafragma, minipílula, anticoncepcional injetável mensal e trimestral, assim como preservativos feminino e

masculino. Além disso, deu início à oferta de Dispositivo Intrauterino (DIU) de cobre em todas as maternidades brasileiras.

De acordo com os dados coletados com a enfermeira do posto de saúde da comunidade do bairro próximo a escola lócus da pesquisa no município de Tramandaí/RS, existem 130 gestantes cadastradas (sem considerar as que não procuraram pelo atendimento), destas mais de 80% são menores de idade, tem adolescentes de 12 e 13 anos grávidas.

4.1 Análise e interpretação dos dados da pesquisa

Esta seção apresenta os resultados provenientes da coleta de dados da pesquisa e foi a etapa final da realização do projeto. Teve como objetivo a análise dos dados referente as entrevistas realizadas nos meses de março a maio – processo cuja duração foi por volta de 23 dias do mês de junho. Apresentaremos os resultados buscando realizar análises qualitativas das entrevistas, os quais estarão separados por técnico de saúde, alunos e professores e, concomitantemente, conversando os dados entre si e autores bibliográficos que falem da temática.

4.2 Resultados da pesquisa

A grande maioria dos alunos participantes do estudo residem num bairro no Município de Tramandaí/RS – que é a localidade da escola pesquisada. Três alunos são de diferentes localidades, sendo de Porto Alegre/RS e Joinville/SC, cursavam ensino fundamental, 7 do sexo masculino com idade entre 11 a 15 anos e 20 do sexo feminino com idade entre 11 e 17 anos, um total de 27 alunos. Dos professores participantes, 7 residem na cidade da pesquisa e 3 no município vizinho Imbé/RS, sendo que nenhum é morador do bairro em estudo. A enfermeira entrevistada reside na cidade de Tramandaí em outro bairro. A análise das entrevistas nos permitiu reflexões sobre a percepção em relação à prevenção da gravidez na adolescência, aos métodos preventivos e a abordagem do ensino de ciência relacionado a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis.

4.2.1 Conversando com os alunos

Os alunos foram questionados acerca do conhecimento dos métodos contraceptivos para a prevenção da gravidez e DSTs na adolescência, de um total de 27 alunos, 20 responderam que conhecem a camisinha como método preventivo de doenças e gravidez, 14 conhecem o anticoncepcional oral, 8 conhecem a injeção e 3 alunos desconhecem qualquer método contraceptivo. Foi possível identificar na fala dos adolescentes que a maioria deles mencionou o preservativo como contraceptivo, porém não sabem explicar como funciona na prevenção de doenças, nunca tinham pegado uma na mão, poucos já utilizaram.

Segue abaixo fragmentos das falas de alguns alunos sobre o conhecimento dos métodos contraceptivos.

Usar anticoncepcional e preservativo. (A26)

Usar preservativo e injeção. (A23)

Só preservativo. (A22)

Uso de preservativo. (A21)

Uso de preservativo e a vacina. (A19)

Usar preservativo, tomar remédio, injeção. (A17)

Tomar remédio, injeção. (A16)

Não conheço. (A12)

Em relação à prática sexual e ao uso de contraceptivos pelos adolescentes apenas 2 relataram ser sexualmente ativos, e que usam preservativos pois não querem ter surpresas indesejáveis. Como podemos perceber durante a fala deles.

Eu já transo né professora, quando vou nas festas, eu uso preservativo. (A7)

Converso bastante com a mãe sobre isso, sobre não engravidar cedo, porque ela não quer que eu tenha o mesmo futuro que ela teve, porque eu já tenho namorado né, eu uso preservativo e anticoncepcional. (A11)

Talvez, devêssemos ter escrito que em meio a tantos julgamentos, apenas dois alunos tiveram coragem de assumir que já são ativos sexualmente, apenas dois encontraram uma forma de acessar recursos que lhes dão liberdade para experimentar, conhecer e, talvez, amar!

Será que os demais alunos ao serem questionados falaram o que realmente acontece? Será que eles não mantêm relações sexuais? Penso que a negação da maioria pode estar relacionada a falta de informação sobre o uso de preservativos e métodos contraceptivos, ou simplesmente tiveram vergonha de falar sobre o assunto para não se expor.

Os adolescentes desta comunidade escolar estão ou não recebendo informações de forma a serem significantes para suas vidas?

Ao questionar os alunos sobre a forma de aprendizagem relacionadas aos métodos contraceptivos, as respostas foram bem variadas. Eles mencionam que aprendem com colegas da escola, nas propagandas de televisão, nas placas educativas encontradas nos locais, dentro de casa com a família (quando questionados, os alunos disseram que os pais alertam quanto ao não realizar a atividade sexual, pois ainda não têm idade para essas coisas e que só é falado sobre gravidez, mas não sobre as doenças).

De um total de 27 entrevistados, 10 alunos nunca falaram sobre este assunto em casa, e 4 adolescentes nunca falaram do assunto com ninguém. Relativo a esta discussão, as falas a seguir chamam bastante a atenção.

A gente vê falar sempre né sora, nas propagandas de televisão, nos lugares aonde a gente vai tem plaquinhas, de use, preserve. (A1)

Se falo em namorar ele (pai) briga comigo, então nem falo (menino), mas minha mãe fala, ela conversa bastante com minha irmã sobre esses assuntos. (A1)

Com a mãe, o pai, a vó, as irmãs ou com alguém que tenha algum parentesco. (A2), (A4), (A5), (A6), (A7), (A10), (A11), (A13), (A14), (A16), (A17), (A18), (A20), (A24), (A25), (A26)

Só com as amigas, não converso em casa. (A3), (A23), (A27)

Na escola. (A19)

O pai fala, (briga na verdade), tem pouco esclarecimento do assunto). (A15)

Nunca conversei sobre este assunto com ninguém. (A9), (A12), (A21), (A22)

Nos filmes, na internet e revistas. (A7)

Detectamos que as fontes de informações de onde a maioria dos alunos procura adquirir o conhecimento dessa temática, provém da troca ideias com pessoas da família, sejam elas mãe, pai, vó, tia, madrasta ou até mesmo com os irmãos, sendo que poucos disseram procurar informações na internet ou outro meio de conhecimento.

Dos 27 alunos entrevistados apenas 1 disse que buscava informações no posto de saúde da comunidade o qual é bem perto de sua casa.

Apenas um aluno dos 27 entrevistados foi ao posto, o que isso pode significar? É preciso um pouco de sensibilidade e de empatia para tentar compreender ou imaginar a hipotética situação de ter digamos 13 anos de idade, ter muitas dúvidas sobre seu corpo e tentar buscar informações. Talvez, seja necessária muita coragem para entrar no posto de saúde para buscar informações com um desconhecido, talvez seja mais fácil experimentar...

Ao serem questionados se conheciam algum adolescente que seja pai ou mãe, ou que estaria grávida, dos 27 alunos entrevistados apenas 8 alunos não conhecem nenhum(a) adolescente nesta situação, 19 alunos tem conhecimento direto ou indireto com adolescentes grávidas ou que já estejam na condição de mãe ou pai. Inclusive tem proximidade com as estudantes da escola que engravidaram e não retornaram para o ambiente escolar. Podemos observar algumas falas de alunos.

Sim, é ex-aluna da escola, tem uns 15 anos. Parou de estudar porque achou que Não teria mais oportunidades.(A19)

Sim, 17 anos era aluna da escola. Parou de estudar para trabalhar, está morando junto com o namorado. (A18)

Sim, 16 anos era aluna da escola. Parou de estudar, casou e está trabalhando. (A17)

Sim, 12 anos, não tenho mais contato. (A9)

Sim, 15 ou 16 anos é aluna da escola, continua estudando. (A10)

Ao serem questionados sobre a abordagem do tema sexualidade, prevenção e gravidez em alguma disciplina na escola, percebemos que este é um assunto pouco abordado. Dos 27 alunos entrevistados 14 nunca ouviram falar ou não lembram de algum professor falar do assunto. Outros 13 alunos disseram ter participado de alguma palestra ou aula rápida sobre a temática.

Aqui chamamos a atenção para o caso da adolescente grávida que veio a falecer no primeiro semestre de 2017, muitos adolescentes citaram este caso como exemplo utilizado pelos professores para falar da temática em questão, ou seja, a sexualidade. O problema resultante da falta de acesso à informação é a gravidez, mas é também a morte dessas meninas por aborto ou suicídio.

Sabe-se que a morte de adolescentes pelo aborto clandestino é um problema de saúde pública que tem mostrado uma proporção muito preocupante. Em razão de

ser uma prática clandestina, esses dados não são tão divulgados, mas encontrei na reportagem do jornal Estadão a seguinte divulgação,

O banco de dados, usado como fonte oficial, indica 54 mortes comprovadas de mulheres em decorrência da interrupção da gravidez em 2014 – último ano com estatísticas divulgadas. Pelas informações do SIM, o aborto teria sido responsável por 3,3% das mortes ligadas ao período da gravidez ou ao parto. Bem menos do que hipertensão, hemorragias ou infecções. (FORMENTI, 2016)

De acordo com essa reportagem, percebemos que os dados sobre aborto são importantes e que merecem um tratamento adequado para preservar a saúde e até mesmo a vida das adolescentes que ficam vulneráveis a esta situação devido à falta de recursos e de informação adequada e preventiva, sendo de muito apreço esta troca de informações no ambiente escolar.

4.2.2 Dialogando com a Enfermeira

Os adolescentes desta comunidade escolar estão ou não recebendo informações de forma a serem significantes para suas vidas?

Sobre este questionamento a enfermeira chefe do posto de saúde, quando entrevistada, relaciona a falta de interesse e comprometimento dos adolescentes a adesão de programas de prevenção de doenças e gravidez desenvolvido pelo posto de saúde da comunidade, podemos observar a partir desta fala:

Tem o programa de grupo onde é dado palestras de orientações sexuais, a doutora visita as escolas dando palestras, porém as adolescentes não aderem a estes grupos. A gente tenta, hoje a gente fez um grupo, até fez um sorteio de uma cesta pra ver se chama um pouco mais da atenção delas, mas elas não aderem. (Relato da Enfermeira)

De acordo com a fala da enfermeira, percebemos um discurso sexista, onde somente as meninas adolescentes necessitam de programas de prevenção, isentando os meninos adolescentes deste dever, fortalecendo cada vez mais o discurso machista que culpa a mulher pela gravidez. Será que somente a mulher (adolescente) deve procurar informações sobre prevenção de gravidez? O homem

não precisa de prevenção? Não é tão participante e responsável por este ato quanto a mulher? Não seria um ato de responsabilidade dos dois, onde cada parte tem seu dever e obrigação?

O julgamento da falta de adesão dos adolescentes é desnecessário, ele não resolve a situação nem o “desinteresse” do estudante, mas nos faz pensar nas razões para um adolescente evitar participar desses programas, me faz pensar, também, se não existiriam outras maneiras de abordar essa temática ainda desconhecida para a vida de muitos deles, enquanto estão apenas curiosos.

4.2.3 Alinhando ideias com os professores

Aos professores foi feito o questionamento sobre a relevância de falar sobre as questões de reprodução, doenças e sexualidade. A maioria das respostas foi de que é muito importante para o conhecimento do próprio corpo e deixá-los a par das doenças, da gravidez indesejada e as responsabilidades que são desencadeadas. Na visão dos professores os adolescentes, buscam na figura do professor um espaço para diálogos, pois muitos dos pais ainda não têm esses diálogos com seus filhos. No relato dos professores, a família não tem feito o seu papel, deixando somente para a escola. Como podemos observar nas falas abaixo:

É muito importante para o conhecimento do próprio corpo e deixá-los a par das doenças, da gravidez indesejada e as responsabilidades que desencadeiam. (P4), (P8)

É importantíssimo esta abordagem, principalmente nos dias atuais, pois o enfoque para a sexualidade está com excessiva evidência. (P6)

A família não tem feito o seu papel, deixando somente para a escola”, (P1), (P9).

É um assunto que pode conflitar um pouco, pois as famílias não tratam do assunto, porém necessário, para compreender métodos contraceptivos e evitar gravidez indesejada e doença sexualmente transmissível. (P3)

Os adolescentes buscam na figura do professor um espaço para questionamentos, pois os pais ainda não possuem essa abertura, eles não tem diálogos com seus filhos. (P2), (P7)

Hoje é muito importante porque os adolescentes estão iniciando a vida sexual muito cedo. (P5)

Na fala dos professores o ensino sobre prevenção de gravidez, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis são temas extremamente importantes a serem desenvolvidos com os alunos e alunas, pois ambos necessitam deste conhecimento para seu desenvolvimento social consciente de obrigações, direitos e deveres.

Com toda a liberdade que o povo brasileiro encontra na cultura do Brasil, um país acolhedor que recebe turistas de todo o mundo, temos acesso e circulação livre nas ruas, nas praias, as festividades de carnaval, noites de balada, um ir e vir sem grandes compromissos.

Muitos adolescentes com toda essa liberdade percorrem por um mundo de fantasias em que o futuro pode ter um resultado diferente do esperado. Percebemos que a desinformação dos adolescentes, ainda aparece como um tema bem polêmico nesta comunidade.

Os adolescentes parecem receber informações incompletas e superficiais em casa e na escola, repercutindo na pouca prevenção. Alguns pais não possuem liberdade com seus filhos tornando o assunto constrangedor, seja pela religiosidade, seja pelo próprio desconhecimento, deixando este papel a cargo da escola, que também tem deixado de discutir sobre esses conhecimentos.

Talvez, pelo fato desse ser um assunto proibido na família criando uma barreira entre o adolescente e os conhecimentos sobre sexualidade, métodos contraceptivos e preventivos. Segundo Ribeiro “a sexualidade sempre foi um aspecto polêmico do cotidiano do brasileiro” (RIBEIRO apud SILVA, 2007, p.104).

Trazer ao adolescente informações com confiança é imprescindível para afastar o mito deste tema importante de ser trabalhado.

Dando seguimento a este mesmo tema, os professores foram questionados sobre o fato de se sentirem ou não, a vontade ao falar sobre o assunto que se diz ser

tão importante para o conhecimento dos adolescentes, as respostas foram bem variadas.

Não, pois a família em alguns momentos e valores inculcado, não compreende que é um assunto para servir como saúde pública, acham que é interferência na vida particular dos mesmos. (P3)

Algumas vezes e em turmas mais maduras o tema é mais fácil de abordar, pois não ficam rindo e debochando de alguns termos citados. Em outras não me sinto a vontade. (P8)

Sim. Não vejo problemas em passar orientação, pois já participei de projetos a respeito deste assunto, já tivemos a idade deles e as mesmas dúvidas, os questionamentos são feitos sem preconceito. (P2)

Sim, trabalho numa comunidade onde este assunto é tratado como banalidade e tento orientar da melhor maneira. (P9)

Não me sinto à vontade de falar sobre sexo, mas sim sobre reprodução como aula de biologia. (P5)

Estas respostas esclarecem um dos objetivos deste estudo que era verificar junto aos professores como se sentem com a proposta de trabalhar com este tema, podendo colaborar para as aprendizagens destes adolescentes para conhecerem seus corpos, compreenderem o processo reprodutivo e os métodos contraceptivos.

Ao mesmo tempo que esclarecem, tais respostas levam a outros questionamentos, afinal percebe-se nas falas que alguns professores desta comunidade escolar, sentem-se despreparados ou não sentem-se à vontade de trabalhar com estes assuntos, o que muitas vezes acaba passando despercebido e quem sai perdendo são os adolescentes que deixam de receber informações importantíssimas para sua vida.

Essa questão nos leva a pensar nas restrições causadas pela força de determinadas verdades, as quais constituem a sexualidade quase como um tabu. Os estudantes parecem receber informações superficiais sobre o tema em questão, seja da família e/ou escola, para esclarecimentos de dúvidas sobre o desenvolvimento biológico e questões sociais que envolvem seus corpos.

De acordo com os relatos dos professores, ações educativas efetivas não estão ocorrendo nos cenários em que o adolescente está presente.

Os professores foram questionados sobre os seus envolvimento no debate de sala de aula e na gestão pedagógica e as respostas diversificaram bastante, entre elas, destaque:

Trabalhar quando a curiosidade estiver saliente nos questionamentos e nas atitudes das crianças. (P10)

Conversamos muito entre nós, mas levar para a sala de aula é mais difícil, hoje em dia temos pouco envolvimento, pois muitas famílias são contrárias, não há entendimento. (P1), (P2), (P3), (P7)

“Cabe a escola cobrar de quem tem a verdadeira responsabilidade em evitar e esclarecer certos assuntos, em relação a sexualidade”. (P5)

“Em conversas informais e nas aulas de ciências”. (P4)

“Não deve ser tratado na escola e nem a orientação sexual”.
“Sempre que o tema surge na minha aula, procuro debater e esclarecer dúvidas”.
(P8)

Nem todos os docentes querem se envolver em projetos assim, pois concluem que não são pertinentes à sua área de atuação. (P9)

“O envolvimento deve ser total, pois acredito que com o professor fica mais fácil e descontraído o aluno questionar sobre suas dúvidas”. (P6)

Aqui fica um ponto de difícil compreensão, de acordo com as respostas dos alunos e grande parte dos professores, esta temática não está sendo desenvolvida na escola, porém em entrevista com a enfermeira ela diz, ter uma parceria entre escola, comunidade, área da saúde com projetos qualificados para esclarecimentos e distribuição dos métodos contraceptivos, identificado na fala da enfermeira.

...o programa de grupo onde é dado palestras de orientações sexuais, a doutora visita as escolas dando palestras. (Enfermeira)

Sobre o questionamento realizado aos alunos e professores sobre quem deve informar e esclarecer dúvidas sobre as questões de reprodução, doenças e sexualidade, de um total de 27 alunos 5 acreditam que a escola e o médico é que devem informar sobre o tema, os demais alunos acreditam ser de responsabilidade dos pais este tipo de informação. Já os professores acreditam ser um trabalho que a assistência social deveria fazer com as famílias e a escola deveria tratar como matéria, pois certos assuntos é a família que deve esclarecer.

O que leva a pensar na compreensão dos professores sobre o que trata o “conteúdo”, sobre a relevância da contextualização de conteúdos, sobre o ensino que seja significativo para a vida. A Orientação Sexual é um tema transversal que segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN's, (1997) devem ser trabalhados como forma pedagógica.

A Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados¹.

O professor está amparado por um documento oficial podendo sim trabalhar este tema com amplo conforto e segurança, sem que haja a possibilidade de enfrentar algum processo administrativo, podendo informar o aluno sobre questões importantes e de relevância para a vida social.

De acordo com os PCN's “Propõem-se três eixos fundamentais para nortear a intervenção do professor: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS²”.

¹ Fonte de consulta: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>

² Idem.

Ao questionar os professores se conheciam algum adolescente que seja pai ou mãe, ou que estaria grávida, as respostas foram bem pontuais. Os professores também citaram os casos de adolescentes citadas pelos alunos. Segue a fala de algumas.

Continuou estudando porque os avós auxiliaram, outras pararam de estudar mesmo tendo o apoio da família. (P6)

Sim 12, 13, 14 anos, algumas seguiram estudando, outras pararam os estudos, não foi por opção e sim falta de orientação e prevenção. (P2)

Sim, 15 anos. Parou de estudar, é contra o aborto, (religiosa). (P10)

Sim, várias alunas da escola engravidaram com idade entre 13 e 15 anos. Duas continuaram a estudar, outras não e os motivos foram variados, como descuido, fuga da família, gravidez não planejada, segurar o namorado, não é opção e sim falta de orientação. (P9)

Sim, duas com 14 e 15 anos uma parou de estudar a outra continuou, mas sai mais cedo para dar de mama para a criança, ela diz que não sai mais para a balada, a aluna alega que a mãe engravidou cedo e que acha que não tem nada de mais. As vezes muitas engravidam porque não conhecem os métodos anticoncepcionais, a falta de informação e a inconstância de pensar no futuro. (P5)

Percebemos que relacionado a evasão escolar, tanto nas respostas dos alunos quanto na dos professores, ficou subentendido o alto índice de evasão por parte das alunas que engravidaram durante o período escolar. No primeiro semestre de 2018 tem matriculadas na escola duas meninas grávidas, de acordo com a orientação escolar uma delas não está frequentando as aulas e já foi feito FICAI a outra continua estudando, o que nos deixa uma margem de possível abandono escolar devido a gestação. Devido a circunstâncias, por ser documentação da escola não tivemos acesso aos mesmos.

As adolescentes, não conseguem conciliar os estudos ao compromisso de ser mãe, são muitas responsabilidades com a criança, ter que cuidar, alimentar,

proporcionar uma vida mais confortável para o bebê. Sem contar que muitas vezes a falta de apoio dos pais e até mesmo a falta de estrutura para leva-los para escola, a falta de vagas nas creches, são fatores que as adolescentes e as adolescentes levam em conta na escolha entre cuidar do filho e continuar os estudos.

Partindo das necessidades das adolescentes fica claro que é mais valorizado os cuidados que uma mãe deve ter com os filhos, mesmo que leve ao sacrifício de abandonar os estudos, deixando pra trás um mundo de sonhos pessoais em relação ao futuro profissional.

Sobre o papel da mulher, Witt (2012, 2015), comenta que a noção da maternidade é atravessada por discursos de autocuidado e ligada à responsabilização pelas escolhas e pelos riscos, conferindo à mulher investimentos em vários níveis - necessidade, saúde, vontade, etc.

Relacionado a estas discussões podemos dizer que, as questões iniciais que nos levaram a realizar este estudo foram aqui contempladas, os professores elencaram o fato da recorrência de alunas terem engravidado durante o período escolar. E, que isso ocorre com um número considerável de estudantes, pensar que não estão sendo realizados trabalhos efetivos que busquem mudar esta situação é bastante desagradável.

De acordo com os professores toda disciplina pode contemplar o assunto dentro dos temas transversais previstos no PPP (plano político pedagógico) e nos PCN's, mesmo que num primeiro olhar pareça difícil integrar a temática aos conteúdos da disciplina, pode ser realizado algum tipo de projeto interdisciplinar.

Neste sentido e de acordo com os dados das respostas retiradas das entrevistas é notável que por se tratar de uma temática que envolve muitas controvérsias sobre proibições e verdades, nesta comunidade, percebemos que o tema é tratado como um tabu por parte da maioria dos pais, e aqueles que tratam o assunto com relevância, assim mesmo, tem sido de maneira superficial.

Por isso, parece necessária à atuação do professor para contribuir na educação, tratando da sexualidade de forma a fornecer informações não só do funcionamento do aparelho sexual ou sobre os métodos de prevenção a gravidez e DSTs, preparando melhor os adolescentes para a entrada na vida adulta, a qual eles estão antecipando esta fase, mostrando as possibilidades de diferentes situações e desafios que poderão encontrar durante esta caminhada para a fase adulta.

O ambiente escolar é de suma importância para se trabalhar conhecimentos, habilidades e mudanças de comportamento. É o local adequado para o desenvolvimento de ações educativas, neste sentido é preciso investir em discussões sobre o fazer docente no que se refere as questões biológicas e socioculturais, como a sexualidade, gravidez e DSTs. De acordo com os PCN's a abordagem desse tema na escola,

ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros³.

Seria importante que evitássemos afirmar preconceitos e buscássemos não naturalizar este assunto, tão presente e tão negado, para que talvez, se desprendam dos mitos da culpa e dos julgamentos. Para isso, talvez seja necessário repensar as estratégias pedagógicas de ensino, e, as relações da escola com a comunidade buscando a integração da família, dos agentes de saúde e de quem mais puder participar de debates que tragam para as discussões as problemáticas de sexualidade que envolvem as pessoas da região e a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O (des)conhecimento de métodos contraceptivos e a “escolha” pela gravidez durante o período escolar levou-nos a pensar nos processos de ensino e na produção de aprendizagens sobre a reprodução humana, os corpos e sexualidades.

Durante este estudo e nas leituras realizadas foram identificados alguns fatores que estão relacionados ao uso dos métodos contraceptivos. Os adolescentes da comunidade local e, até mesmo aqueles que não estudam na escola, ouvem falar dos métodos contraceptivos e tem acesso aos mesmos. O posto local distribui todos os métodos contraceptivos gratuitamente.

³ Fonte: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>>

A cultura em que estão inseridos é a do uso de drogas pelos companheiros e até mesmo pelas gestantes, o hábito de não acordar cedo para ir até a unidade de saúde realizar os exames e consultas, faz com que haja uma reorganização nos horários de atendimento do posto para a realização de exames preventivos devido à necessidade local, todas estas mobilidades e trocas realizadas pelas enfermeiras do posto são para que estes adolescentes sejam atendidos e adquiram um conhecimento mais profundo, para que a realidade da comunidade mude.

Percebemos que este estudo apresentou alguns fatores limitadores, um deles pode ser o fato de os adolescentes estarem na presença de uma professora que faz parte do corpo docente da escola, o que pode ter contribuído para a limitação das respostas, inclusive notamos uma timidez excessiva em quase todos os alunos.

Um fato que chamou bastante a atenção foi que apenas dois alunos, 1 menino e 1 menina assumiram manter relações sexuais. A menina afirmou ter um parceiro fixo, tomar todos os cuidados de prevenção e disse manter um diálogo aberto com a mãe em relação a este tema. O menino disse usar preservativos. Os demais alunos entrevistados disseram não ter relações sexuais ainda.

Outro acontecido que não esperávamos foi a possibilidade de troca dos participantes da entrevista, pois tínhamos em mente realizar o trabalho com alunos mais velhos e aqueles que por já conhecermos suas histórias sabíamos que tinham vida sexual ativa. Mas, tivemos uma surpresa quando estes alunos não se prontificaram a falar, isso foi uma surpresa, pois contava com o relato deles para a pesquisa. Também tive imprevistos com alguns que se dispuseram a falar, pois nesse intervalo de tempo trocaram de escola ou desistiram de estudar, sem mencionar as duas mães adolescentes que por algum motivo pararam de ir para a escola durante o trimestre.

Entendemos que os objetivos propostos pelo trabalho foram atingidos, pois a investigação tornou possível conhecer as realidades enfrentadas pelos estudantes, de forma clara foi dito pelos professores que apresentam receio para abordar e desenvolver algum trabalho relacionado ao tema da pesquisa. Seja pelo "desconhecimento" do assunto, falta de interesse e de envolvimento, por sentirem-se intimidados pela resistência dos pais em aceitar que assuntos relacionados a sexualidade, prevenção da gravidez e doenças sexualmente transmissíveis sejam trabalhados na escola.

Alguns pais acreditam que esclarecimentos sobre esta temática, ao serem discutidos mais abertamente pelos professores estariam incentivando seus filhos a desenvolverem práticas sexuais mais cedo. Desta forma os pais preferem que os jovens não obtenham informações negando a eles, o conhecimento para evitar situações desagradáveis como uma doença ou gravidez indesejável.

Identificamos que uma parcela destes jovens ainda desconhecem os métodos contraceptivos e as DSTs, portanto é necessário ações conjuntas da escola e dos profissionais de saúde, no sentido de oferecer uma educação de qualidade voltada para a sexualidade dos adolescentes. Neste sentido voltamos a questão inicial que é a dos processos de ensino e da produção de aprendizagens relativas a reprodução humana, os corpos e sexualidades.

Os dados desta investigação levam a pensar que os assuntos referentes à sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e prevenções, podem ser abordados de forma integrada a diversos conteúdos, principalmente no que se refere ao corpo humano.

Na escola este tema vem sendo tratado de forma superficial, ou seja, se os alunos demonstram interesse sobre o tema, o professor que tem mais abertura, mais intimidade com o aluno, conversa, das opiniões, transmite o conhecimento adquirido com suas experiências, quando acha ser necessário um trabalho mais profissional o assunto é levantado com a orientação e supervisão escolar a qual entra na turma e faz algum trabalho com aquela turma, ou somente com os alunos envolvidos.

O que percebemos é que precisa sim um trabalho mais profissional com a comunidade escolar num todo, pois as informações que estes adolescentes estão recebendo não é de aprofundamento específico nem adequado ao assunto e discussões em questão.

Ao término deste trabalho pude perceber que me foi proporcionada uma experiência única e muito gratificante, ter contato com professores, profissionais da saúde e alunos de diferentes turmas da escola, inclusive alunos que não fui professora adquirindo uma aproximação forte, de forma a realizar trocas de experiências e conhecimentos, foi maravilhoso!

6 REFERÊNCIAS

BENUTE, G. G.; GALLETTA, M. A. Gravidez na adolescência: prevalência, ansiedade e ideação suicida. Revista de Associação Médica Brasileira. v. 48, nº 3, p. 198-199, set. 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo/pdf/ramb/v48n3/11813pdf>> Acessado em 10 mai. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

COMPOSIÇÃO do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (Gestão 2009-2011), Disponível em< <https://www.google.com.br/search?q=eca+pdf&oq=&aqs=chrome.2.69i58j0i66l3j5i66l2.3090538j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>> acesso em 26 jun 2018

DAMIANI, Fernanda Eloisa. Gravidez na Adolescência: Prática Pedagógica e Competências Profissionais. Passo Fundo, UPF, 2003. Disponível em< <http://www.bdae.org.br:8080/bitstream/123456789/1809/1/tese.pdf>> Acessado em 25 junho.2018.

FORMENTI, Lígia. O Estado de S.Paulo, 2016. Disponível em< <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,diariamente-4-mulheres-morrem-nos-hospitais-por-complicacoes-do-aborto,10000095281>> acesso em 26 jun 2018

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

HOGA, L. A. K.; BORGES, A. L. V; REBERTE, L. M. Razões e reflexos da gravidez na adolescência: narrativas dos membros da família. Revista Escolar Anna Nery. v. 14, nº 1. Rio de Janeiro. Jan/Mar. 2010. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n1/vol14n1a22pdf>> Acessado em 20 junho. 2018.

IBGEa. Portal do IBGE. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/>> acesso em: 26 jun 2018>

IBGEb. Portal do IBGE. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/registro-civil/quadros/brasil/2016>> acesso em 26 jun 2018>

IBGEc. Portal do IBGE. Disponível em <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/registro-civil/quadros/rio-grande-do-sul/nascidos-vivos>> acesso em 26 jun 2018

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e Educação. In: Silva, Tomaz Tadeu (org.). O sujeito da educação: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOURO, Guacira Lopes, et al. Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis/RJ, Vozes 2013.

MEYER, Dagmar E. Estermann; Corpos maternos pobres: Processos educativos “de inclusão social” contemporâneos. In: RIBEIRO et al, Corpo Gênero Sexualidade. Rio Grande, editora da FURG, 2009.

MEIRELLES, Marcelo SÃO PAULO. Secretaria da Saúde. Coordenação do Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde – COODEPPS. Manual de Atenção à Saúde do Adolescente. São Paulo: SMS, 2006. 328p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza, et al. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis/RJ, Vozes 2012.

MINISTÉRIO da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas/Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais – Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/direitos_sexuais_reprodutivos_metodos_anticoncepcionais.pdf> acesso em: 10/6/18

SANT’ANNA, M. J. C; COATES, V. Gravidez na adolescência: um novo olhar. In: SÃO PAULO. Secretaria da Saúde. Manual de atenção à saúde do adolescente. /Secretaria da Saúde. Coordenação de Desenvolvimento de Programas e Políticas de Saúde-

CODEPPS. São Paulo: SMS, 2006. p. 153-158. Disponível em <<http://h200137204119.ufg.br/files/palestras-material/ManualdoAdolescente.pdf>> Acessado em 20 mai. 2018.

Secretaria do planejamento, governança e gestão. Disponível em: <<http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/gravidez-na-adolescencia-e-partos-cesareos>>. Acesso em: 09/06/18

SILVA, Denise Regina Quaresma da. Mães-Meninhas: A gravidez na adolescência escutada pela psicanálise e educação. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/14833?>> acesso em 03 mar 2018

TABORDA, Joseane Adriana, et al. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas, Cad. Saúde Colet., Rio de Janeiro, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WITT, Neila Seliane P. Das verdades na mídia jornalística sobre o aborto e a vida vinculadas à clandestinidade, violência sexual, drogadição, anencefalia e biotecnologias: o governo do viver/morrer. Tese de doutorado, PPG Educação em Ciências ICBS/ UFRGS, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10-183/70764>>.

____. SOUZA, Nádia G. Silveira. Das verdades sobre o aborto, a anencefalia, e as tecnologias reprodutivas divulgadas nos jornais: a promoção da saúde e o governo do viver/morrer. Artigo, 6º SBECE/UIbra, 2015. Disponível em: <http://www.sbece.com.br/2015/resources/anais/3/1429489514_ARQUIVO_NeilaS.P.Witt-artigoULBRA.pdf>.

XIMENEZ NETO, F. R. G; DIAS, M. S. A.; ROCHA, J; CUNHA, I. C. K. O. Gravidez na adolescência: motivos e percepções de adolescentes. Revista Brasileira de

Enfermagem. V.60, nº3. Brasília. Mai/jun 2007. Disponível em <
<http://www.redalyc.org/pdf/2670/267019611006.pdf>> Acessado em 20 jun. 2018.

7 APÊNDICES

7.1 Apêndice a: Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

CAMPUS LITORAL NORTE

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NAUREZA

Título da Pesquisa: Ensino de Ciências e a gravidez no ambiente escolar

Nome do (a) Pesquisador (a): Juliana dos Santos Guatimosim

Nome do (a) Orientador (a): Dra. Neila Seliane Pereira Witt.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Natureza da pesquisa: Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem como questão central (re)pensar processos de ensino e a produção de aprendizagens sobre a reprodução humana a partir dos relatos de experiências de estudantes e professores de uma escola do município de Tramandaí, RS.

Participantes da pesquisa: O público alvo serão 30 alunos (meninos e meninas) do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e aproximadamente 12 professores atuantes nestas séries numa escola do município de Tramandaí/RS.

Envolvimento na pesquisa: Ao participar deste estudo, você deverá assinar este termo. Serão realizadas entrevistas, que poderão acontecer em grupo e individuais, com local e horários pré-definidos, a fim de que possamos levantar dados sobre seus conhecimentos e aprendizagens sobre a reprodução humana. As entrevistas serão realizadas de forma que nenhum constrangimento seja ocasionado, sendo respeitada sua opinião e com liberdade de expor seu pensamento livremente. Você terá ainda, a liberdade de se recusar em participar da pesquisa, assim como em não responder algumas questões que não lhe sejam pertinentes, sem qualquer prejuízo. Solicitamos dessa forma, sua colaboração para que possamos obter melhores resultados para a pesquisa. Qualquer informação ou esclarecimento, poderá entrar em contato com a estudante/pesquisadora Juliana dos Santos Guatimosim, através

do E-mail: julianaguatimosim@yahoo.com.br e com a professora/orientadora Dra. Neila Seliane Pereira Witt pelo email neila.witt@ufrgs.br

Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, evitando questões que causem qualquer tipo de constrangimento aos entrevistados, as questões que fizerem menção às vivências dos estudantes e suas relações serão mantidas em anonimato se assim o preferir, obedecendo os Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, não oferecendo qualquer risco à sua dignidade.

Benefícios: A pesquisa não objetiva intervir no processo de aprendizagem e não condiciona seu aproveitamento e sua avaliação nas disciplinas cursadas. Sendo assim, sua participação não lhe ocasiona benefícios diretos. No entanto, buscamos a partir desta investigação fazer uma reflexão dos temas abordados para produção de conhecimentos que possam contribuir na formação dos estudantes, relacionada a área citada.

Pagamento: A participação na pesquisa não ocasionará qualquer tipo de despesa, bem como nada será pago por sua participação.

Solicitamos assim, seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, preenchendo os itens que seguem:

Consentimento Livre e Esclarecido

A partir dos esclarecimentos expostos a cima, autorizo, de forma livre e esclarecida, a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa e Assinatura

Assinatura do Estudante/Pesquisador

Assinatura da Professora Orientadora

7.2 Apêndice b: Roteiro das entrevistas com os alunos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

CAMPUS LITORAL NORTE

LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NAUREZA

Título da Pesquisa: Ensino de Ciências e a gravidez no ambiente escolar

Nome do (a) Pesquisador (a): Juliana dos Santos Guatimosim

Nome do (a) Orientador (a): Dra. Neila Seliane Pereira Witt.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ESTUDANTES – Agradecemos sua participação!

Nome (opcional): _____

Sexo: masculino () feminino () Outro () **Idade** _____ **Ano escolar** _____

- 1) Sempre estudou nesta escola? () Sim () Não
- 2) Sempre morou neste bairro? () Sim () Não
- 3) Com quem você mora?

- 4) Com que idade as mulheres de sua família tiveram o primeiro filho?

A) Mãe: _____

B) Irmã: _____

C) Avó: _____

D) Tia: _____

- 5) Quais métodos contraceptivos você conhece?

- 6) Onde você aprendeu sobre métodos contraceptivos, preventivos e sexualidade?

- 7) Em sua opinião quem deveria informar noções e esclarecer dúvidas sobre questões de reprodução, doenças e sexualidade?

- 8) Você lembra-se em qual disciplina esses assuntos foram abordados? Gostou desta aula? Ficou com alguma dúvida? Fez alguma pergunta?

- 9) Onde você busca informações para esclarecer suas dúvidas sobre esses temas? Com quem você costuma conversar sobre esses assuntos?

Fala-se destes assuntos em casa? () Sim () Não

- 10) Não fazendo uso de método contraceptivo é possível engravidar?

() Sim () Não

- 11) O que significa a maternidade (ser mãe) e a paternidade (ser pai)?

Quando você quer ter um filho (a)? Por quê?

- 12) Você conhece algum adolescente que seja pai ou mãe? () Sim () Não

Com que idade isso aconteceu?

O que mudou com o nascimento da criança?

- 13) Você sabe o motivo que levou este estudante a optar pela gravidez?

() Queria ter um filho? () Queria casar? () Desconhecia os métodos contraceptivos? () Outros motivos. Explique:

- 14) Em sua opinião o que impede que uma estudante grávida permaneça no espaço escolar?

7.3 Apêndice c: roteiro de entrevista para os professores

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NAUREZA

Título da Pesquisa: Ensino de Ciências e a gravidez no ambiente escolar

Nome do (a) Pesquisador (a): Juliana dos Santos Guatimosim

Nome do (a) Orientador (a): Dra. Neila Seliane Pereira Witt.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES

Nome(opcional): _____ **Idade:** _____

Sexo: masculino () feminino () Outro ()

Disciplina de atuação: _____

Professor(a), agradecemos a sua colaboração. Sua participação enriquecerá nossos estudos!

- 1) Onde você reside?
- 2) Há quanto tempo trabalha nesta escola?
- 3) Onde você aprendeu sobre métodos contraceptivos, preventivos (DST's) e sexualidade?
- 4) Em sua opinião quem deveria informar noções e esclarecer dúvidas sobre questões de reprodução, doenças e sexualidade?
- 5) Você lembra de alguma aula em que esses assuntos tenham sido abordados? Como foi esta aula? Qual disciplina? Você ficou com alguma dúvida?
- 6) Em sua percepção qual a relevância de falar destas questões com os estudantes? Quais as perguntas mais frequentes?
- 7) Você se sente à vontade para falar deste tema com os estudantes? Por quê?
- 8) Você conhece algum adolescente que seja pai ou mãe?
 - a) Com que idade ocorreu a gravidez?
 - b) O que mudou com o nascimento da criança? Continuaram estudando?
 - c) Você saberia o motivo que levou este estudante a optar pela gravidez?
- 9) O que impede que uma estudante grávida permaneça no espaço escolar?

7. 4 Apêndice d: Roteiro de entrevista para enfermeira do posto de saúde da comunidade

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NAUREZA**

Título da Pesquisa: Ensino de Ciências e a gravidez no ambiente escolar

Nome do (a) Pesquisador (a): Juliana dos Santos Guatimosim

Nome do (a) Orientador (a): Dra. Neila Seliane Pereira Witt.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ENFERMEIRA

Nome(opcional): _____ **Idade:** _____

Sexo: masculino () feminino () Outro ()

Área de atuação: _____

Enfermeira(a), agradecemos a sua colaboração. Sua participação enriquecerá nossos estudos!

1) No Posto de Saúde existem dados sobre gestantes adolescentes?

2) Há distribuição de métodos preventivos? Quais?

3) Existe procura de pílula do dia seguinte pelos adolescentes? _____

4) Quais as razões para o uso da pílula do dia seguinte? _____

5) Existe um programa para prevenção de DSTs e gravidez para os adolescentes? _____

6) Se tem, está em atuação? _____

7) Qual o público alvo? _____

7.5 Apêndice e: Transcrição das entrevistas

POSTO DE SAÚDE (compilação dos dados)

Em entrevista realizada com a enfermeira chefe do Posto de Saúde do bairro onde está sendo realizada a pesquisa foi questionada a existência de dados sobre gestantes adolescentes, de acordo com a resposta da enfermeira no ano de 2018 existem 130 gestantes cadastradas (tem mais), destas mais de 80% são menores de idade, tem adolescentes de 12, 13 anos grávida, às vezes não terminam o pré-natal na unidade, começam e depois vão embora com o marido, com o familiar, ou porque não conseguem ficar devido a problemas financeiros, ou até mesmo por causa de drogadição, porque no bairro geralmente os esposos são drogados ou estão envolvidos com o tráfico.

A gente teve um caso de uma menina no ano passado que engravidou do cunhado, mas ela não contou, eles moravam os três juntos, os três tinham problemas, uma delas tinha 23 anos e a outra 30 e poucos anos, os três utilizavam o CAPES, todos os três usavam medicações fortíssimas, então no questionamento do porquê ele engravidou a cunhada, ele disse que errou a porta do quarto, parece engraçado, parece que ele estava rindo, não, não é, ele simplesmente errou a porta do quarto, não é uma coisa que ele fez por mau, ele tem problema mental, o nenê nasceu, a gente ficou de olho no nenê, porque a gente sabia que alguma coisa ia acontecer, a gente acaba prevendo, um dia ela chegou aqui, eu olhei a mãozinha do bebê e estava meio roxinha, a irmã disse que ela tinha batido na mão, eu fiquei segurando o bebê, não deixei ela pegar, chamei o conselho, o conselho levou, agora está com o irmão muito bem cuidado, mas foi todo uma....porque ela queria ficar com a criança, é uma criança cuidando de outra criança, então assim, as vezes a gente tem que ver como um todo, claro, a gente fica com raiva, eu não vou te dizer que não, entendeu? Só que a gente fica pensando num todo entendeu? Ela não fazia isso porque ela queria.

Sobre a existência de um programa de prevenção para os adolescentes, a resposta foi de ter o programa de grupo onde é dado palestras de orientações sexuais, a doutora visita as escolas dando palestras, porém as adolescentes não aderem a estes grupos. “A gente tenta, hoje a gente fez um grupo, até fez um sorteio de uma cesta pra ver se chama um pouco mais da atenção delas, mas elas não aderem”.

Quanto ao público alvo dos grupos de palestras a resposta foi “para toda a comunidade, principalmente na parte lá pra baixo, é a pior parte que a gente tem, porque aqui, eles ainda vem mais, eles estão mais presentes”.

Em relação a distribuição de métodos preventivos e quais a resposta foi a seguinte: “Para coletar, a gente oferta a coleta de sangue aqui para facilitar, é mais um plus”, para as gestantes no caso, elas podem coletar toda terça-feira aqui, mas elas não vem, porque elas não acordam, as consultas são marcadas para a tarde, porque se marcar pela manhã elas não comparecem, então a gente tenta adequar o máximo ao padrão de vida delas. É estranho eu te dizer isso, mas se a gente não faz dessa forma, não consegue adesão delas e, pra nós a gente vê a saúde como um todo, não só porque ela é drogada ou porque o marido é drogado, ou porque ela não merece atendimento. Não, ela merece, ela é um ser humano como qualquer um, então a gente tem que adequar o máximo que puder, a nossa realidade é essa, muita gestante, muitas abaixo de 18 anos, muitas assim, filhas de mães grávidas, tem muito assim, a mãe está grávida e a filha também. Neste momento perguntei se tem alunas da escola grávidas e a resposta foi que este ano, não mais, mas ano passado teve alguns casos.

Não podemos julgar uma criança de 11, 12 anos porque já está transando, o que podemos fazer é orientar, fazendo palestras. Aqui em Tramandaí, o único posto que oferece todos os anticoncepcionais tanto injetáveis quanto oral, é o meu quer dizer, o do bairro, os outros não oferecem, e a gente oferecendo já acontece todo esse tipo, então eu tenho disponível para elas todos os tipos de anticoncepcionais fora a camisinha né.

Referente a pílula do dia seguinte, se ela é muito procurada a resposta foi surpreendente, “não tem muito uso, a gente não fornece muito porque não tem procura. A gente dá orientação, mas não tem procura. As adolescentes procuram a pílula normal.

*OBS: “Preciso de ti, deu um resultado positivo, ela está chorando muito” (HIV).
“Tá já estou indo lá.”*

Neste momento a entrevista precisou ser interrompida, mas em consideração a enfermeira terminou de responder mais alguns questionamentos, procurei ser breve.

Sobre as doenças sexualmente transmissíveis “a gente tem bastante casos de sífilis (em 1º lugar), HIV (em 2º lugar) entre adolescentes, adultos e idosos. Entre os idosos o número de HIV é o maior, porque eles não transam com camisinha, daí fica

essa troca de parceiros e como leva dez anos para a doença se manifestar, então nesses dez anos a doença se espalha muito rapidamente, tanto que a incidência maior agora é de idosos, soro positivo. E é complicado orientar um idoso, ele não tem aceitação, porque ele diz que não tem problema pois ele não transa, que não vai transar.

ENTREVISTAS COM OS ALUNOS (compilação dos dados)

PERFIL DOS ESTUDANTES

Foram entrevistados um total de 27 alunos, 7 do sexo masculino com idade entre 11 a 15 anos e 20 do sexo feminino com idade entre 11 e 17 anos, estudantes do 6º ao 9º ano. Destes, 63% (17 alunos) sempre estudaram na escola, 26% (7 alunos) vieram de outras escolas do município e 11% (3 alunos) vieram de outras cidades do Estado do RS e SC.

Em sua maioria os alunos vivem em famílias constituídas por pai, mãe e filhos são 63% (17 alunos), outros 18,5% (5 alunos) moram com a mãe e irmãos, a qual tem o cargo chefe da casa, outros 14,8% (4 alunos) moram com a mãe e a avó dando suporte na criação dos netos e 3,7% (1 aluno) vive somente com o pai.

A IDADE DA PRIMEIRA GESTAÇÃO DAS MULHERES DA FAMÍLIA

A idade média da primeira gestação entre as mulheres da família de acordo com as respostas dos alunos, isto é, não tenho dados oficiais, distribui-se da seguinte forma, as mães que tiveram sua primeira gestação entre 15 e 16 anos foi um percentual de 29% (8 mães), entre 18 e 19 anos a porcentagem foi de 26% (7 mães), dos 20 aos 32 anos 26% (7 mães) e 19 (5 mães) os alunos não souberam responder.

A idade média das avós foram distribuídas da seguinte maneira entre 15 e 19 anos 29% (8 avós), acima de 20 anos foram 11% (3 avós) e 60% (16 avós) os alunos não souberam responder.

Quanto ao número de irmãs, que já tenham tido uma gestação, identifiquei que 8 irmãs com idade entre 14 e 20 anos já tem entre 1 e 2 filho e, aproximadamente 20 irmãs não tem filhos ainda.

Sobre ter tia e se tem filhos o levantamento ficou mais difícil pois, os alunos em sua maioria são muito desligados, não sabendo responder adequadamente, assim 3 tiveram filhos depois dos 20 anos, 18 tiveram filhos na adolescência, e 9 alunos não souberam responder a idade em que as tias tiveram filhos ou não tem filhos.

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS (compilação dos dados)

1) Quais os métodos contraceptivos você conhece?

Ao serem questionados sobre os métodos contraceptivos os alunos responderam respectivamente de um total de 27 alunos 20 conhecem a camisinha como método preventivo de doenças e gravidez, 14 conhecem o anticoncepcional oral, 8 conhecem a injeção e 3 alunos desconhecem qualquer método contraceptivo.

2) Onde você aprendeu sobre métodos contraceptivos, preventivos e sexualidade?

Nesta questão as respostas foram bem variadas com colegas da escola, nas propagandas de televisão, nas placas educativas encontradas nos locais, dentro de casa com a família, de um total de 27 alunos entrevistados 10 alunos nunca falaram sobre este assunto em casa.

3) Quem deve informar e esclarecer dúvidas sobre as questões de reprodução, doenças e sexualidade? De um total de 27 alunos 5 acreditam que a escola e o médico é que devem informar sobre o tema, os demais alunos acreditam ser de responsabilidade dos pais este tipo de informação.

4) Sobre ter tido alguma aula sobre este tema e se ficaram com dúvidas? Dos 27 alunos entrevistados 14 alunos nunca ouviram falar ou não lembram de ter sido falado na escola sobre os assuntos abordados durante a pesquisa, outros 13 alunos disseram ter participado de alguma palestra ou aula rápida sobre a temática.

5) Onde você busca esclarecer suas dúvidas sobre esses temas? Dos 27 alunos entrevistados 21 buscam esclarecer suas dúvidas sobre o assunto com a família, seja mãe, pai, avó, irmã, tia, apenas 3 disseram buscar informações na internet ou outras leituras, 1 além destas opções disse procurar o posto de saúde perto de casa, e outros 2 alunos disseram não ter interesse no assunto então não procuram informações.

6) Sobre conhecer algum adolescente que já seja mãe ou pai...

Apenas 8 alunos não conhecem nenhum adolescente nesta situação, 19 alunos tem conhecimento direto ou indireto com adolescentes grávidas ou que já estejam na condição de mãe ou pai.

7) Quanto aos motivos que levaram a adolescente engravidar...

Muitos desconheciam o motivo, mas chegou a ser citado o motivo de querer sair de casa, de agradar o namorado e simplesmente por descuido pois teriam o conhecimento dos métodos contraceptivos.

8) O que mudou na vida da adolescente depois do nascimento da criança? A maioria não soube dizer, mas tive resposta de que algumas adolescentes que inclusive eram alunas da escola deixaram de frequentar as aulas por ter que cuidar do filho ou ter que começar a trabalhar.

8) Em sua opinião o que impede que uma estudante grávida permaneça no espaço escolar? Dos 27 alunos entrevistados 5 não souberam responder, os demais disseram que a barriga, os enjoos, que pode passar mal na escola e isso não é bom, o preconceito que a adolescente poderia sofrer poucos citaram, disseram que não tem nada a ver.

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES (compilação dos dados)

1) Onde você aprendeu sobre métodos contraceptivos, preventivos (DST's) e sexualidade?

As respostas diversificaram entre conversa com os pais, na escola, revistas e internet.

2) Em sua opinião quem deveria informar noções e esclarecer dúvidas sobre questões de reprodução, doenças e sexualidade?

Nesta questão com exceção de um professor todos concordam que quem deveria informar e esclarecer dúvidas sobre este tema, são em primeiro lugar os pais e em segundo plano a escola trabalhando com projetos, ainda alguns professores se referem ao apoio da sociedade especialista na área.

3) Você lembra de alguma aula em que esses assuntos tenham sido abordados? Como foi esta aula? Qual disciplina? Você ficou com alguma dúvida?

Durante as aulas de Ciências e Biologia, foram aulas interessantes e esclarecedoras, em palestras na escola, no ensino fundamental nas aulas de ciências, a prof. Abriu para questionamentos, mas naquela época era difícil essa proximidade, (“nas aulas de biologia na 7ª série, não foram muito esclarecedoras e também palestras com agentes de saúde no 2º grau), Não lembro, aula de biologia com conversas e ilustrações no quadro, uma palestra com uma enfermeira, foram feitos questionamentos os mais simples eram respondidos e os mais “picantes”, mandavam perguntar para os pais. “Quando eu estudava, isso era tabu, não se conversava sobre esse assunto na escola”.

4) Em sua percepção qual a relevância de falar destas questões com os estudantes? Quais as perguntas mais frequentes?

É muito importante para o conhecimento do próprio corpo e deixá-los a par das doenças e a gravidez indesejada, as responsabilidades que desencadeiam. As perguntas são as mais diversas, geralmente eles tem muitas dúvidas quanto ao ato da relação em si, eles buscam na figura do professor um espaço para questionamentos. É importante, porém é um assunto conflitante, pois os pais ainda não possuem essa abertura, eles não tem diálogos com seus filhos, a família não tem feito o seu papel, deixando somente para a escola. As perguntas mais frequentes são: sobre o uso da camisinha, se a pílula do dia seguinte funciona, sobre a gravidez, se sexo oral engravida, sobre a menstruação, sobre as DSTs. É importantíssimo esta abordagem, principalmente nos dias atuais, pois o enfoque para a sexualidade está com excessiva evidência, iniciando a vida sexual muito cedo.

5) Você se sente à vontade para falar deste tema com os estudantes? Por quê?

Algumas vezes e em turmas mais maduras o tema é mais fácil de abordar, pois não ficam rindo e debochando de alguns termos citados. Em outras não me sinto à vontade. Sim. Não vejo problemas em passar orientação, pois já participei de projetos a respeito deste assunto, já tivemos a idade deles e as mesmas dúvidas, os questionamentos são feitos sem preconceito. Sim, trabalho numa comunidade onde este assunto é tratado como banalidade e tento orientar da melhor maneira. “Não, pois a família em alguns momentos e valores inculcido, não compreende que é um

assunto para servir como saúde pública, acham que é interferência na vida particular dos mesmos. “Não me sinto à vontade de falar sobre sexo, mas sim sobre reprodução como aula de biologia”.

6) Você conhece algum adolescente que seja pai ou mãe? O que mudou com o nascimento da criança? Continuaram estudando?

Você saberia o motivo que levou este estudante a optar pela gravidez? “Sim, várias alunas da escola engravidaram com idade entre 13 e 15 anos. Duas continuaram a estudar, outras não e os motivos foram variados, como descuido, fuga da família, gravidez não planejada, segurar o namorado, não é opção e sim falta de orientação”. “Sim, duas com 14 e 15 anos uma parou de estudar a outra continuou, mas sai mais cedo para dar de mama para a criança e ela diz que não sai mais para a balada, a aluna alega que a mãe engravidou cedo e que acha que não tem nada de mais e as vezes muitas engravidam porque não conhecem os métodos anticoncepcionais, a falta de informação e a inconstância de pensar no futuro”. Continuou estudando porque os avós auxiliaram, outras pararam de estudar mesmo tendo o apoio da família. “Parou de estudar, é contra o aborto, (religiosa)”.

7) O que impede que uma estudante grávida permaneça no espaço escolar?

Geralmente a família não permite que a adolescente volte por vergonha e, também pelo deslumbre da maternidade, a maioria por opção própria, outras por vergonha, não sentem-se à vontade, os contratempos com o bebê, as prioridades mudam após a gravidez. Quanto a escola nada muda, pois é ofertado aula a distância para que ela não desistam.

8) Que alternativas e ações poderiam contribuir para a atuação docente no ensino e esclarecimento dessas temáticas aos estudantes?

Talvez maior acompanhamento e apoio da Secretaria de Educação na realização e desenvolvimento de projetos voltados ao assunto, envolvendo as agentes de saúde, médicos, trabalhar com os temas transversais, troca de vivências e experiências. É um trabalho que a assistência social deveria fazer com as famílias e a escola deveria tratar como matéria, pois certos assuntos é a família que deve esclarecer, realização de palestras, vídeos e aulas com os alunos e os pais, estes muitas vezes incentivam

a gravidez precoce. “Iniciar os esclarecimentos desde o 6º, pois está bem frequente o caso de gravidez com meninas bem jovens.

9) Qual o envolvimento dos professores no debate de sala de aula e na gestão pedagógica para esta realidade?

Trabalhar quando a “curiosidade estiver saliente nos questionamentos e nas atitudes das crianças, conversamos muito entre nós, mas levar para a sala de aula é mais difícil, hoje em dia temos pouco envolvimento, pois muitas famílias são contrárias, não há entendimento, em conversas informais e nas aulas de ciências “cabe a escola cobrar de quem tem a verdadeira responsabilidade em evitar e esclarecer certos assuntos, em relação a sexualidade, não deve ser tratado na escola e nem a orientação sexual. Sempre que o tema surge na minha aula, procuro debater e esclarecer dúvidas. Poucos são os professores que se envolvem. Nem todos os docentes querem se envolver em projetos assim, pois concluem que não são pertinentes à sua área de atuação.

10) A(s) disciplina(s) em que você trabalha possibilitaria debater essas questões? Como?

Ensino Religioso, com certeza. Em ciências sim, mas é uma questão muito complicada. Sim à educação física não ensina somente jogos e esportes, mas trabalha diariamente com valores, que ajudam na transformação do cidadão. Toda disciplina pode contemplar o assunto dentro dos temas transversais previstos no PPP. Sim através de gráficos e tabelas. “No meu caso é o mais complicado por ser outro idioma, mas é possível sim, através do conhecimento dos termos específicos do tema. Sim trabalhar a questão da valorização da mulher e da vida.